

Os estudos lingüísticos de Carvalho Calero

José-Martinho MONTERO SANTALHA

Universidade de Vigo

Publicado em: [AA. VV.] (1982): *Homenaxe a Carballo Calero*, Ferrol: Cadernos do Medúlio, pp. 15-18; 2ª ed. (com acrescentamento de um epílogo) em: [AA. VV.] (2000): *Homenaxe a Carvalho Calero*, Ferrol: Concello de Ferrol («Cadernos de Medúlio»), pp. 7-14.

1. A formação filológica
 2. Da literatura à língua
 3. A *Gramática*
 4. Outros estudos lingüísticos
 5. Perspectivas da obra lingüística
 - A) O conteúdo
 - 1) Lingüística descritiva (diacrónica e sincrónica)
 - 2) Lingüística normativa
 - 3) Sociolingüística e política da língua
 - B) Nível expositivo
 - 1) Obra sistemática e de investigação
 - 2) Edição de textos e comentários literários
 - 3) Divulgação
 - C) A modo de suplemento
 6. Ética e ciência da língua
 7. Um futuro para a língua
 8. Epílogo 20 anos depois
- Bibliografía

1. A formação filológica

O estudo da língua, na sua dimensão mais genérica como Lingüística ou nos aspectos mais particulares como Filologia, constitui na biografia de Carvalho Calero como uma terceira etapa: ainda que sem rigidez cronológica, vem depois da criação literária (poesia, narrativa, teatro) e da crítica literária. Nestas duas primeiras facetas do seu labor intelectual a língua constituía já como a atmosfera, pois é evidente que tanto a criação literária como a crítica trabalham fundamentalmente sobre a palavra, porém mais freqüentemente pressuposta do que expressamente analisada. Na faceta lingüística o idioma passa a constituir-se não já em atmosfera envolvente mas em objecto de observação e análise.

Em Carvalho Calero deu-se como um trânsito natural desde o campo da crítica literária ao dos estudos lingüísticos. Esta transição não podia ser improvisada, visto o grau de especialização e de longo estudo que a Lingüística e Filologia actuais exigem.

A base desta formação filológica está nos estudos humanísticos dos seus anos de aprendizado, fundados por sua vez na preferência temperamental do jovem Carvalho pelas matérias de Letras.

No entanto, os estudos de licenciatura em Letras na Universidade de Santiago não puderam significar um grande avance no enriquecimento filológico. O próprio Carvalho tem feito referência, por uma parte, ao estudo científico do latim com o professor Abelardo Moralejo (que vinha a completar os conhecimentos memorísticos adquiridos em Ferrol, durante a infância, com o professor Manuel Comelhas), e, por outra, ao interesse que suscitavam no alunado as classes de Cotarelo Valledor sobre fonética histórica: esta ciência significava para os jovens universitários galegos como o descobrimento de um mundo novo¹.

¹ Assim lembrava Carvalho as aulas de Cotarelo: “xa teño às veces lembrado que me matriculei no curso que era à vez primeiro de Filosofía e Letras e preparatorio de Dereito, que constava de tres asignaturas: Língua e Literatura Españolas, da que era o profesor-catedrático don Armando Cotarelo Valledor; Historia de España, que explicava don Ciriaco Pérez Bustamante, e outra asignatura de Filosofía –nom lembro exactamente se chamada Lóxica Fundamental, ou Filosofía, ou como– que estava a cargo dun catedrático de Instituto, don Ramón Gallego, que era auxiliar na Facultade. Desde logo, estes profesores, naturalmente, tiveron influencias no meu desenvolvemento intelectual, mas dos tres aquel con quen tiven unha maior relación persoal foi don Ciriaco Pérez Bustamante, porque don Armando Cotarelo Valledor, a quen vin, sen embargo, e tratei no Seminario de Estudos Galegos, non tardou en trasladar-se a Madrid, de xeito que non me relacionei muito con el, aínda que lembro as súas clases, nas que me inicié na Fonética Histórica. El explicava Língua e Literatura Españolas, pero combinando-a co estudo da Língua e da Literatura Galegas. A Fonética Histórica, de tipo menendezpidaliano, interesava-nos muito; era para os estudantes de bacharelato, en xeral, unha novidade e fomos muitos os que nos afeizoamos a este estudo. Neste sentido claro está

Se de Moralejo não há dúvida de que estava ao dia da ciência filológica, não podemos dizer o mesmo de Cotarelo. Se, apesar de tudo, alguns alunos chegaram a ser bons filólogos, é que houve um esforço pessoal que, como sucede com freqüência, superou as deficiências da formação recebida. Este deveu de ser também o caso de Carvalho Calero: a sua magnífica formação filológica, sempre bem informada até dos desenvolvimentos mais recentes (embora não tivesse a atitude ingênua de adesão a toda novidade), era o fruto de um inteligente esforço pessoal de autodidacta.

Em resumo, na formação filológica de Carvalho Calero podemos estabelecer três principais factores determinantes:

1) a preocupação lingüística inerente a todo o movimento galeguista, consciente de que a língua da Galiza constitui o signo fundamental da identidade cultural e sociológica da colectividade galega;

2) os conhecimentos lingüísticos adquiridos na etapa de formação;

3) a análise literária, que muitas vezes se acha perto da análise lingüística do texto, e por vezes até coincide.

2. Da literatura à língua

Que a preocupação pela análise do instrumento lingüístico foi *in crescendo* na vida de Carvalho Calero pode observar-se nos seus estudos de crítica literária. Vemos aí que, ao realizar a análise literária dos diversos autores, introduz com freqüência algumas referências à língua por eles empregada: normalmente é na parte final do estudo dedicado a cada autor onde costuma incluir algum párrafo em que ajuíza em breves traços o uso lingüístico.

Tomemos alguns exemplos da *Historia da literatura galega contemporánea* (1975).

Dos escritos literários do gramático Mirás critica “a consagração absoluta da gheada” e do sesseio na escrita².

que don Armando influeu en nós; sen embargo, tratava-se principalmente cos membros da anterior xerazón, ou promozón mellor, dos fundadores do Seminario” (FERNÁN-VELLO / PILLADO, *Conversas en Compostela* (1986), pág. 42).

² *Historia da literatura galega contemporánea* (1975: 2ª. edición), pp. 99-100.

Ao também gramático Saco Arce censura-lhe o uso, nos seus poemas, de “certas formas ásperas do dialecto ourensano” (por exemplo, *curazón*, *cuntigo*, *xúbelo*, *látego*), talvez mais vulgarismos que dialectalismos propriamente ditos, e a extensom do ditongo *ou* a vocábulos em que etimologicamente não existe, por ultracorrección anti-castelhana (por exemplo, *adourai*, *hourizontes*, em vez de *adorai*, *horizontes*)³.

Ao estudar o poeta berciano Fernández Morales apresenta as características da fala berciana⁴.

A análise da língua torna-se estensa e detalhada ao tratar dos três grandes poetas do nosso Ressurgimento: Rosalia, Curros, Pondal⁵.

Dos escritores posteriores, prestou mais demorada atenção à língua de Ramon Cabanilhas⁶.

3. A Gramática

O primeiro estudo de Carvalho de carácter propriamente lingüístico foi a *Gramática*, intitulada *Gramática elemental del gallego común* (1966)⁷. Deste modo Carvalho Calero fez-se presente no campo da Lingüística galega com uma obra que, apesar de ser a primeira sua neste domínio da ciência, já era uma obra magistral.

Antes de mais, merece notar-se o facto curioso de que foi uma obra feita por encargo: por solicitude dos responsáveis da Editorial Galaxia, como sucedera também com a *Historia da literatura galega contemporánea (1808-1936)* (1963-1975)⁸.

³ *Ibidem*, pág. 113.

⁴ *Ibidem*, pp. 114-115.

⁵ *Ibidem*: sobre Rosalia, pp. 175, 228-232; sobre Pondal, pp. 310-313; sobre Curros, pp. 385-393.

⁶ *Ibidem*, pp. 592-593.

⁷ *Gramática elemental del gallego común*, Editorial Galaxia, Vigo 1966, 268 pp. Sobre a primeira edição desta obra, vid. Pilar VÁZQUEZ CUESTA, «A propósito de la Gramática Gallega de Carballo Calero», em: *Grial* (Vigo), núm. 16 (Abril-Junho 1967), pp. 192-196. Sobre o conjunto das 7 edições, vid. Maria do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO, «As “rectificaçons” nas ediçons da *Gramática* do Professor Ricardo Carvalho Calero», em: Maria do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO y Miguel Ángel ESPARZA TORRES (eds.), *Estudios de historiografía lingüística hispánica ofrecidos a Hans-Josef Niederehe*, Departamento de Filología Española, Universidade de Vigo («Publicaciones del Área de Lengua Española, 4»), Vigo 1999, 152 pp., pp. 73-96.

⁸ O próprio Carvalho explicaria a origem da *Gramática*: “non había nengunha gramática galega a disposición dos lectores: estaban esgotadas as gramáticas clásicas máis ou menos científicas, a de Mirás, a de Cuveiro, a de Saco e Arce. Entón pedíuseme que escribese unha gramática, que se publica no ano 66” (Carmen BLANCO, *Conversas* (1989), pág. 96); “Esa gramática foime solicitada polos amigos que programaban a actividade editorial de Galaxia con vistas a proporcionar aos estudiosos e aos estudantes de galego un instrumento que lles permitise orientarse no coñecimento

Foi um grande êxito editorial. Novas edições continuaram a publicar-se nos anos sucessivos, sempre revisadas e renovadas de distintos modos, até a última, a sétima, de 1979⁹.

Cumprе salientar nela o equilíbrio entre uma finalidade descritiva e uma intenção mais normativa: oferece informação muito completa sobre os diversos aspectos da língua, e ao mesmo tempo sugere claramente um caminho para a construção da língua literária e culta em geral.

No prólogo da derradeira edição (1979) o autor declara-se ainda insatisfeito da sua obra. A situação sócio-política mudara (desaparecera o franquismo) e iniciavam-se os passos de introdução da língua na vida pública e oficial – e portanto nos planos de ensino –, donde estivera até então proscrita:

“Muchos importantes acontecimientos que afectan a la lengua gallega se han producido desde 1974, fecha de la cuarta edición de este libro, de la que son reproducciones literales la quinta y la sexta.

Estos acontecimientos deben repercutir en la gramática del gallego. Como consecuencia de los estudios científicos y de política lingüística últimamente publicados, nuestro concepto del idioma es más rico y más profundo”¹⁰.

Noutros escritos desses anos expôs longamente as ideias que subjaziam nestes dizeres. Doravante a “política da língua” já não podia resignar-se a ir mantendo uma resistência de qualquer modo, como tivera que ser até essa hora, mas devia projectar uma perspectiva de futuro atendendo a todos os

da lingua galega sobre a base de métodos e enfoques modernos” (*ibidem*, pág. 179; nas pp. 179-181 explica outros aspectos interessantes sobre a elaboração desta obra nas sucessivas edições).

⁹ Segunda edição em 1968, 288 pp.; 3ª ed. em 1970, 340 pp.; 4ª ed. em 1974, 332 pp.; as edições 5ª e 6ª reproduzem literalmente a quarta; 7ª ed. em 1979, 348 pp. Todas essas sete edições foram publicadas pela Editorial Galaxia, de Vigo. O título da obra manteve-se inalterado em todas elas. Maria do Carmo Henríquez Salido (no artigo citado em nota precedente: «As “rectificaçons” [...]») analisa as modificações que se podem descobrir nas 7 edições da *Gramática* de Carvalho; como conclusão ressalta três factores determinantes: 1) “a grande preocupação [...] por manter a sua *Gramática* [...] actualizada, conforme o avanço dos estudos e das investigaçons sobre o galego”; 2) “umha progressiva aproximaçon à concepçon unitária da língua galego-portuguesa moderna e conseqüente restituïçom da ortografia histórico-etimológica em galego”; e 3) “umha clara consciência da necessidade de separar a língua popular da língua culta na constituïçom do galego comum, pois que a língua popular nom deve ser a única base para construir o galego exemplar” (pág. 95).

¹⁰ Sétima edição (1979), «Prólogo a la séptima edición», pág. 11. Entre os “estudios científicos y de política lingüística” a que faz referência devemos contar os de Manuel RODRIGUES LAPA (especialmente «A recuperação literária do galego», publicado em 1973, na revista *Colóquio / Letras* (Lisboa), núm. 13 (Maio 1973), e reproduzido esse mesmo ano em *Grial* (Vigo), núm. 41 (Julho - Setembro 1973), pp. 278-287) e de Joan COROMINAS («Sobre a unificación ortográfica galego-portuguesa», em: *Grial* (Vigo), núm. 53 (Julho - Setembro 1976), pp. 277-282).

factores que condicionam o desenvolvimento das línguas no mundo contemporâneo. Se no passado a língua da Galiza conseguira resistir quase milagrosamente –outras, como várias das línguas indígenas americanas, submetidas a um processo similar e contemporâneo, desapareceram–, tudo agora nos leva a pensar que as condições que tornaram possível esse milagre não iam manter-se no futuro.

Tudo isto exigia um reajuste na óptica com que se observava a língua, e consequentemente uma reconsideração dos critérios normativos:

“Aunque en materia de normatividad continuamos profesando nuestro viejo liberalismo, la conciencia de que el gallego, como idioma hispánico occidental, no debe volver las espaldas a las otras formas del romance atlántico, nos aconsejaría hoy en algunos casos una distribución distinta”¹¹.

Por isso confessa que lhe gostaria fazer da sua *Gramática* um livro distinto:

“Hubiéramos preferido escribirlo totalmente de nuevo, es decir, hacerlo otro, hacer otro»¹².

Porém, a reedição urgia¹³ e não havia tempo de pôr-se a reelaborar radicalmente a obra. Mas o critério para o futuro aparecia já formulado com nitidez:

“La necesidad de una reintegración del gallego en su mundo originario se nos aparece más clara, y ello nos impondrá en el futuro inevitables retoques”¹⁴.

Realmente, depois desse momento, Carvalho, retirado da função docente e dedicado a outros trabalhos, parece ter renunciado à ideia de editar uma nova gramática, que, em tal hipótese, seria seguramente uma *Gramática galega da língua portuguesa*¹⁵.

¹¹ «Prólogo a la séptima edición» (1979), pág. 12.

¹² *Ibidem*, pág. 11.

¹³ Explicava que “agotada la sexta edición, se nos pide que preparemos la séptima con la máxima urgencia” (*ibidem*, pág. 11).

¹⁴ *Ibidem*, pág. 12.

¹⁵ Alguns anos mais tarde, polo 1984, depois de que o filólogo brasileiro Celso CUNHA e o português Luís Filipe LINDLEY CINTRA publicaram a sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Edições João Sá da Costa, Lisboa 1984), começou a configurar-se por estes dous co-autores um projecto de incorporar Carvalho Calero como terceiro co-autor numa nova edição desta *Gramática*, aumentando também as informações ali contidas sobre o português da

4. Outros estudos lingüísticos

Desde a aparição da *Gramática* (1966) até o fim da vida (1990) não deixou Carvalho de publicar trabalhos de diversa índole sobre a língua da Galiza.

Em 1970-71 fazem-se públicas as *Normas ortográficas e morfológicas*¹⁶ da Academia Galega, em cuja elaboração o papel de Carvalho Calero foi fundamental (embora não se devam a ele algumas incoerências, aliás leves, resultado de emendas de última hora por parte de algum académico, mal integradas no conjunto). Esta normativa, no momento em que começavam a perceber-se os primeiros sinais de uma próxima mudança sócio-política que jogaria um papel decisivo no futuro da língua da Galiza, oferece já um rumo claro em direcção à reintegração. Daí procedem alguns elementos naquela altura novos mas hoje habituais na língua culta, mesmo na normativa desintegracionista, como o plural em *-ais* (do tipo *animais* frente ao até entom mais comum *animás* e ao castelhano *animales*, propugnado num primeiro momento pelo ILG [«Instituto da Língua Galega»]). A fundação, nesse mesmo ano 1971, do ILG, com uma normativa em aberta rebeldia frente à académica e, sobretudo, com uma concepção oposta do nosso idioma e do seu futuro, viria introduzir no panorama cultural galego o conflito das normativas, alimentado mais pelos apoios políticos em que se esteia a tendência desintegracionista do que pela própria dinâmica da cultura galega.

No mesmo ano 1971 recolhem-se em livro vários trabalhos seus anteriormente publicados, sob o título *Sobre língua e literatura galega*¹⁷. Entre os estudos de carácter lingüístico podemos ressaltar o intitulado «Modalidades do galego», em que apresenta uma classificação dos actuais falares do português na Galiza¹⁸.

Galiza e os exemplos de escritores galegos. Mas a doença, primeiro, e, depois, a morte de ambos impediu que essa projectada iniciativa tivesse cumprimento.

¹⁶ REAL ACADEMIA GALLEGA, *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*, A Corunha 1971, 32 pp.; ainda que publicadas aqui conjuntamente, as normas ortográficas (pp. 3-26) foram aprovadas em 15 de Fevereiro de 1970, e as morfológicas (pp. 27-30) em 4 de Julho de 1971. Publicou-se uma segunda edição deste folheto em 1977, com apenas leves mudanças no conteúdo: REAL ACADEMIA GALLEGA, *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*, Segunda edición, A Corunha 1977, 32 pp.

¹⁷ *Sobre língua e literatura galega*, Editorial Galaxia, Vigo 1971, 286 pp. Das três partes em que aparece dividida a colectânea, a terceira (pp. 209-274) recolhe os trabalhos lingüísticos.

¹⁸ «Modalidades do galego», em: *Sobre língua e literatura galega* (1971), pp. 211-228.

Em 1972 a Universidade de Santiago publica o seu livro *Particularidades morfológicas del lenguaje de Rosalía de Castro*¹⁹: o que na *Historia da literatura galega contemporánea (1808-1936)* (1963) era um esboço limitado pela finalidade literária daquele estudo, faz-se aqui análise demorada de vários pontos do idioma empregado pela nossa grande poetisa. Estuda concretamente a formação do plural dos nomes acabados em *-l* e em *-n* (= *-m*), as soluções dadas por Rosalia aos resultados dos sufixos latinos *-BILEM* e *-TATEM*, *-TUTEM*, e certas formas verbais.

A partir do ano 1976 começa a aparecer a antologia de *Prosa galega*, publicada em três volumes (1976, 1978 e 1980, respectivamente) pela sua Cátedra de Lingüística e Literatura Galega²⁰. As mostras prosísticas aí antologizadas de toda a história literária galega, desde a época medieval até os nossos dias, respondem tanto como ao valor literário dos textos, ao interesse lingüístico dos materiais.

Em 1980 saem à luz as *Normas ortográficas* da Comissom de Lingüística nomeada pela Junta da Galiza e presidida por Carvalho Calero²¹. Estas normas significavam, naquela altura, um entendimento ou um compromisso entre as duas tendências, reintegracionista e anti-reintegracionista. Logo de aprovadas pela Comissom, o Governo Galego assumiu-as primeiramente, mas pouco depois deixou-se embaucar pelo sector anti-reintegracionista e veio a desautorizá-las na prática, e, finalmente, a substituí-las por outras elaboradas unicamente por gente dessoutra tendência.

O seu livro *Problemas da língua galega* foi publicado em 1981 pela editora Sá da Costa, de Lisboa, na sua colecção «Noroeste»²². É a sua primeira obra que aparece escrita em ortografia reintegrada.

¹⁹ *Particularidades morfológicas del lenguaje de Rosalía de Castro*, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela 1972, 74 pp. («Monografías de la Universidad de Santiago de Compostela», número 19).

²⁰ *Prosa galega I: Desde os primeiros oitocentistas ao grupo Nós*, Editorial Galaxia, Vigo 1976, 402 pp.; *Prosa galega II: Dos novecentistas aos nosos días*, Editorial Galaxia, Vigo 1978, 404 pp.; *Prosa galega III: Da época trovadoresca ao neoclasicismo*, Editorial Galaxia, Vigo 1980, 286 pp. Nos três volumes aparece como autor «Cátedra de Lingüística e Literatura Galega», o que o próprio Carvalho explica no «Prólogo» do derradeiro volume como “a equipa da mesma constituída polo seu titular e as profesoras ajudantes señoras Carme García Rodríguez e Lúcia Fontoira Suris” (pág. 7).

²¹ Xunta de Galicia, Consellería de Educación e Cultura, Comisión de Lingüística, *Normas ortográficas do idioma galego*, Santiago de Compostela 1980, 24 pp. Sobre estas normas vid. Xoán Carlos RÁBADE, *Normas ortográficas do idioma galego: guía e comentários*, Editorial La Voz de Galicia (colecção «Biblioteca Gallega (Serie Nova)», A Coruña 1980, 96 pp.

²² *Problemas da língua galega*, Sá da Costa Editora, Lisboa 1981, 148 pp. (colecção «Noroeste», número 2). Sobre o significado desta obra, vid. António GIL HERNÁNDEZ, «Dos Estudos do Prof. Rodrigues Lapa aos Problemas do Prof. Carvalho Calero», em: *Actas [do] III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1990: Vigo, 27, 28 e 29 de Setembro, no Auditório do Centro Cultural CAIXAVIGO; Ourense, 30 de Setembro e 1 de Outubro, na*

Em 1983 publica-se o livro *Da fala e da escrita*²³, que recolhe outros trabalhos lingüísticos seus, a maioria deles publicados no tempo imediatamente precedente. No seu conjunto, esta obra é quiçá a que apresenta o melhor resumo das suas ideias sobre a problemática da língua da Galiza.

Em 1984 a Associação Galega da Língua (AGAL) edita uma nova colectânea: *Letras galegas*²⁴, que inclui alguns estudos lingüísticos ao lado de outros literários.

E finalmente, já póstumo, apareceu *Do galego e da Galiza* (1990)²⁵, nova compilação de estudos e artigos diversos, produzidos no último período da sua vida.

5. Perspectivas da obra lingüística

A fim de sistematizar e resumir a sua obra no campo lingüístico, poderíamos classificá-la, ainda que sem excessivo rigor metodológico, segundo duas coordenadas: o conteúdo e o nível expositivo.

A) O conteúdo

No que diz respeito ao conteúdo, podemos estabelecer as três secções seguintes: 1) Lingüística descritiva (diacrónica e sincrónica); 2) Lingüística normativa; e 3) Sociolingüística e política da língua.

1) Lingüística descritiva (diacrónica e sincrónica)

Vimos já como realizou a descrição da língua empregada de facto por alguns escritores. Outro tanto se pode dizer da língua oral, com as suas variedades e com as suas adulterações castelhanizantes: o aparato de notas a rodapé na *Gramática* (1966) constitui uma síntese dialectológica da Galiza, muito rica de informação, ainda que não localizada.

A respeito da língua falada actual, tornou-se clássica a sua partição dialectal do território galego em três franjas verticais (oriental, central e ocidental; esta

Faculdade de Humanidades; Em homenagem ao Professor Carvalho Calero; M^a do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO, Editora, Associação Galega da Língua (AGAL), A Corunha 1992, 660 pp., pp. 561-567.

²³ *Da fala e da escrita*, Galiza Editora, Ourense 1983, 140 pp.

²⁴ *Letras galegas*, Associação Galega da Língua (AGAL), A Corunha 1984, 349 pp.

²⁵ *Do galego e da Galiza*, Sotelo Blanco Edicións, Santiago de Compostela 1990, 242 pp.

última dividida em duas áreas, o que é mais discutível)²⁶. Com leves rectificações e alguma matização suscitada pelo melhor conhecimento da fala viva, esta classificação continua a ser ainda válida.

2) Lingüística normativa

Além da sua participação nas normas académicas (1970-71) e nas da Junta (1980), pertence a este apartado a maior parte da *Gramática* (1966).

Ademais, algumas das suas investigações monográficas estão encaminhadas a fixar conclusões seguras para a língua normativa; por exemplo, os estudos sobre a abusiva equivalência, na obra de certos escritores galegos, entre *esgrêvio* e *egrégio*²⁷, e sobre a história do verbo *dizer* na Galiza²⁸.

3) Sociolingüística e política da língua

Com suma freqüência, às vezes de passagem mas nalgumas ocasiões com certa demora, desenhou a situação social da língua portuguesa na Galiza, tanto nas diversas épocas passadas como no momento presente. Nos últimos 15 anos, ademais, a sua preocupação voltava-se para o futuro: as perspectivas de supervivência da língua. Neste ponto inserem-se muitas das suas achegas sobre a unidade lingüística galego-portuguesa, que ele afirmava com energia ser condição *sine qua non* para qualquer futuro do nosso idioma.

B) Nível expositivo

Pelo que se refere ao nível expositivo, podemos estabelecer três graus:

1) Obra sistemática e de investigação

A *Gramática* (1966) é a primeira exposição sistemática e científica do português falado na Galiza nos diversos níveis (fonológico e morfo-sintáctico).

²⁶ Vid. o seu trabalho já citado «Modalidades do galego», em: *Sobre lingua e literatura galega* (1971), pp. 211-228.

²⁷ «Sobre o uso literário da palavra *esgrêvio*» (1976), em *Da fala e da escrita* (1983), pp. 99-106.

²⁸ «Testemunhos gráficos do galego *decer*» (1978), em *Problemas da língua galega* (1981), pp. 139-147; «Novos testemunhos gráficos do galego *decer* 'dizer'», em: *Verba* (Santiago), vol. 7 (1980). Vid. sobre este mesmo ponto Isaac ALONSO ESTRIVIZ, «Achegas sobre o verbo galegoportuguês *dezer*», no seu livro *Estudos filológicos galegoportugueses*, Alhena Ediciones, Madrid 1987, pp. 145-151.

Sobre temas diversos elaborou depois monografias, em geral breves, mas sempre rigorosas.

2) Edição de textos e comentários literários

Nas introduções, comentários e notas a muitos dos textos literários editados por ele, há abundantes apontamentos de natureza filológica. E, de resto, o labor de edição crítica comporta um trabalho filológico que muitas vezes resulta impercetível para o leitor comum.

Entre essas edições contam-se autores individuais (como Rosalia, Pondal, Castelao, autores homenageados nos sucessivos «Dia das Letras Galegas» de cada ano), e obras de alcance colectivo (teatro dos autores da geração «Nós», antologia da literatura galega contemporânea, antologia da prosa galega).

3) Divulgação

À divulgação de temas diversos sobre a língua pertencem numerosos artigos em jornais e em publicações diversas. Afrontou aí tanto pontos de pormenor como temas gerais, num nível teórico que, sem renunciar à seriedade científica, pudesse resultar acessível ao leitor comum.

C) A modo de suplemento

A produção de natureza lingüística de Carvalho Calero oferece, na realidade, muito mais do que promete. Algumas indicações dadas como de passagem, certas sugestões simplesmente esboçadas, diversos apontamentos formulados em maneira sintética, tudo isto poderia dar de si, apenas mediante um labor de sistematização, mais de uma obra de envergadura.

Por exemplo, seria fácil elaborar uma história lingüística da Galiza, resumida mas completa, ordenando e ensablendo entre si as passagens em que ele desenvolveu aspectos desse estudo.

6. Ética e ciência da língua

Focando em conjunto o labor lingüístico de Carvalho Calero, devemos salientar nele duas características.

Por uma parte, percebe-se nos seus escritos uma “ética do idioma”; isto é: uma atitude moral perante essa realidade viva que é a língua portuguesa da Galiza. O nosso idioma não é nesses trabalhos um mero objecto de estudo científico, frio, neutro, indiferente. Muito menos é um meio de “fazer carreira”, um trampolim para alcançar méritos científicos. Para ele mais bem ao contrário: muitas vezes foi um obstáculo, motivo de sofrimentos, perseguições e discriminações nas diversas fases da sua vida. A língua portuguesa da Galiza é na sua obra uma realidade viva e humana, que suscita um compromisso pessoal: é a língua de um povo, a alma de uma cultura.

Por outra parte, na história dos estudos lingüísticos galegos Carvalho Calero significa a introdução do rigor científico moderno. Não basta o compromisso ético com o idioma, não é suficiente a boa vontade: é precisa ademais a competência científica. Contando com escassos precedentes, e estes mais bem de autores estrangeiros, Carvalho estabeleceu nos estudos lingüísticos da Galiza o rigor metodológico da moderna Filologia Românica.

7. Um futuro para a língua²⁹

Carvalho preocupava-se da nossa língua tanto nos aspectos técnicos como nos sócio-políticos. Neste segundo aspecto é conhecida a sua postura em prol da unidade lingüística galego-portuguesa. Ele tornou-se assim um dos principais formuladores da concepção unitária do idioma da Galiza como parte da língua portuguesa, do “romance ibérico ocidental” na denominação filológica que lhe era tam cara.

Especialmente nos últimos quinze anos da sua vida, quando as circunstâncias sócio-políticas infundirom mais urgência ao problema, não se cansou de repetir, perante a incompreensão e mesmo a hostilidade de muitos, que só nesse processo reintegrador pode existir um futuro que reabilite a antiga vitalidade do nosso idioma nativo. Não se cansou de afirmar uma e outra vez, em distintos foros, que o idioma da Galiza não tem, para a sua supervivência, outra alternativa que esta: ou ser galego-português (isto é: formar parte plenamente da área lingüística portuguesa) ou ser galego-castelhano (isto é: ficar reduzido a um dialecto da língua espanhola, com certas características “ocidentais” de carácter quase substratístico, como sucede por exemplo com o leonês).

Uma e outra vez repetiu, tanto em intervenções escritas como orais, que é contrário à ciência filológica pretender fazer da língua da Galiza um idioma independente do português; e que, ademais, esse imaginário monstro embriológico, que teria sido concebido serodidamente por uma estranha fecundação do castelhana sobre a língua portuguesa autóctone, não poderá sobreviver como um idioma normal; e que, finalmente, a ameaça do espanhol é tam forte e tam arreigada que, nem com as mais favoráveis medidas políticas, nunca será possível vencê-la se a língua não está alimentada pela seiva vital que corre sã e vigorosa no restante âmbito da nossa área lingüística natural:

“O galego ou é galego-português ou é galego-castelám. Ou somos uma forma do sistema ocidental ou somos uma forma do sistema central. Nom hai outra alternativa. Um galego em oposiçom à vez ao português e ao castelám é impossível. Um anám nom pode lutar com dous gigantes que cruzam os seus fogos”³⁰.

E explicava que eram dous fundamentalmente os aspectos que exigiam um esforço consciente por parte dos galegos:

1) a recuperação da nossa ortografia genuína, que permitirá uma normal permeabilidade entre as nossas produções escritas e as do restante mundo lusófono;

e 2) uma atenção –que não quer dizer submissom total– à normativa morfo-sintáctica dos nosos irmaos de língua para que também o nosso uso culto do idioma se discipline com uma consciência de unidade que não se fecha na fronteira –política que não lingüística– do rio Minho e da “raia seca”:

“Uma concórdia ortográfica, quando menos, e uma inteligência na opçom das formas lingüísticas que integrariam, sem prejuízo das peculiaridades do galego, o veículo geral de comunicação, seram indispensáveis.

Deste jeito, seríamos o que somos, voltaríamos a ser quem fomos: o romance mais ocidental, nom esnaquiçado em dous anacos isolados, senom reintegrado numa unidade sistemática que nom exclui a autonomia normativa”³¹.

²⁹ Vid. José-Martinho MONTERO SANTALHA, «Um texto ensaístico: A normativizaçom do galego, segundo o Prof. Carvalho Calero», em: [VÁRIOS], *Comentário de textos literários*, António GIL HERNÁNDEZ Coordenador, Alhena Ediciones, Madrid 1986, pp. 453-478.

³⁰ *Problemas da língua galega* (1981), pág. 20.

³¹ *Ibidem, ibidem*.

8. Epílogo 20 anos depois

Quando há 20 anos Carvalho Calero advertia que seria impossível que a língua da Galiza pudesse perviver, perante a prepotência do castelhano invasor, se não se reintegrava no seu âmbito natural lusófono, estava formulando uma profecia que dolorosamente vemos cumprir-se ano a ano. Agora, no ano 2000, dez anos depois da morte de Carvalho Calero, as suas palavras já não são uma profecia; são uma parte da nossa realidade de todos os dias: cada galego-falante que morre é um falante menos, um falante perdido, que não se recupera.

Desde que o poder político-cultural estabeleceu como critério a “independência” do galego, cada avance no uso do idioma converteu-se, como no filme dos irmãos Marx, numa “nova vitória cara a derrota final”. Porque com esse critério como música de fundo, o final da película torna-se cada vez mais previsível: a morte do protagonista.

Alguns pensam que a conservação da unidade linguística da Galiza com o mundo lusófono não poderá evitar a morte da língua. Talvez hoje pode ser efectivamente assim, porque estes últimos 20 anos precipitaram de tal modo a agravação do processo que possivelmente seja já tarde de mais para tudo: quiçá nos achamos já em situação terminal, irreversível, onde a morte é só questão de mais ou menos breve tempo.

Desde logo, 20 anos atrás a cousa era diferente: quando Carvalho Calero propunha uma “virada no rumo da política interna do idioma” (para dizê-lo em palavras de Paz-Andrade, outro profeta), as possibilidades de supervivência estavam mais abertas, e se naquele momento se tivesse adoptado como política linguística o rumo da reintegração galego-portuguesa, hoje a situação social do idioma seria bem distinta. Porque claro está que a atitude e a mentalidade dos galegos em todos estes anos não teria sido a mesma se soubessem que a sua língua, sem deixar de ser a sua, a língua de sempre, era ademais um instrumento útil e um organismo de vitalidade robusta e de futuro radiante.

Em qualquer caso, para os galegos preocupados com o destino do idioma nativo, a esperança não pode morrer, mesmo se nos vemos no trance de termos que acompanhar, doloridos e impotentes, a agonia da nossa velha língua, como se acompanha uma mãe moribunda. E, como Carvalho Calero, alguns desde a nossa impotência seguiremos dizendo àqueles que têm a

responsabilidade de cuidar a moribunda que a estão privando da única medicina que talvez ainda a poderia devolver à vida: que nesta situação desesperada da nossa língua enferma, só a restauração da unidade com o âmbito lusófono poderia significar uma transfusão de sangue vital que pudesse esconjurar a morte iminente. Separada do âmbito lusófono, a língua da Galiza morrerá.

Bibliografía

Actas (1992) = [M^a do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO, Editora], *Actas [do] III Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1990: Vigo, 27, 28 e 29 de Setembro, no Auditório do Centro Cultural CAIXAVIGO; Ourense, 30 de Setembro e 1 de Outubro, na Faculdade de Humanidades; Em homenagem ao Professor Carvalho Calero; M^a do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO, Editora, Associação Galega da Língua (AGAL), A Corunha 1992, 660 pp.*

Carmen BLANCO, *Conversas con Ricardo Carballo Calero*, Editorial Galaxia, Vigo 1989, 286 pp.

M[iguel]. A[nxo]. FERNÁN VELLO / F[rancisco]. PILLADO MAYOR, *Conversas en Compostela con Carballo Calero*, Sotelo Blanco Edicións, Barcelona 1986, 268 pp.

José Luís FORNEIRO PÉREZ, «Carvalho Calero perante a questão do bilinguismo», em: *Renovação: Embaixada galega da cultura* (Madrid), núm. 3 (maio 1991), pp. 15-17.

Maria Pilar GARCIA NEGRO, «A língua, ‘agarimo de tradição e arma de progresso’», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza* (1991), pp. 48-52.

Pilar GARCÍA NEGRO, «Vixéncia dos plantexamentos lingüísticos do Professor Ricardo Carballo Calero», em: *Actas* (1992), pp. 557-559.

António GIL HERNÁNDEZ, «Dos *Estudos* do Prof. Rodrigues Lapa aos *Problemas* do Prof. Carvalho Calero», em: *Actas* (1992), pp. 561-567.

João GUISÁN SEIXAS, «A prova, definitiva, do Caraminhal», em: *Agália* (A Corunha - Ourense), núm. 29 (Primavera 1992), pp. 5-23.

M^a. do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO, «A aplicação sucessiva da doutrina lingüística em textos do professor Carvalho Calero», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza* (1991), pp. 41-46.

Maria do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO, «Dom Ricardo Carvalho Calero na vida da 'Associação Galega da Língua'», em: *Agália* (A Corunha - Ourense), núm. 29 (Primavera 1992), pp. 25-60.

Maria do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO, «As "rectificações" nas edições da *Gramática* do Professor Ricardo Carvalho Calero», em: Maria do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO y Miguel Ángel ESPARZA TORRES (eds.), *Estudios de historiografía lingüística hispánica ofrecidos a Hans-Josef Niederehe*, Departamento de Filología Española, Universidade de Vigo («Publicaciones del Área de Lengua Española, 4»), Vigo 1999, 152 pp., pp. 73-96.

José-Martinho MONTERO SANTALHA, «Um texto ensaístico: A normatização do galego, segundo o Prof. Carvalho Calero», em: [VÁRIOS], *Comentário de textos literários*, António GIL HERNÁNDEZ Coordenador, Alhena Ediciones, Madrid 1986, pp. 453-478.

José-Martinho MONTERO SANTALHA, «Carvalho Calero e a língua portuguesa da Galiza», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza* (1991), pp. 32-40.

F[rancisco]. PILLADO MAYOR: vid. M[iguel]. A[nxo]. FERNÁN VELLO.

Xoán Carlos RÁBADE, *Normas ortográficas do idioma galego: guía e comentários*, Editorial La Voz de Galicia (Colecção «Biblioteca Gallega (Serie Nova)»), A Corunha 1980, 96 pp.

Domingos PRIETO ALONSO, «Política e planificação lingüísticas nos escritos de Carvalho Calero», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza* (1991), pp. 54-59.

Domingos PRIETO ALONSO, «As ideias lingüísticas do Prof. Carvalho Calero: variação lingüística e história da língua», em: *Actas* (1992), pp. 583-592.

Pilar VÁZQUEZ CUESTA, «A propósito de la Gramática Gallega de Carballo Calero», em: *Grial* (Vigo), núm. 16 (Abril-Junho 1967), pp. 192-196.

[VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991 (Colección «A nosa cultura», núm. 13), 94 pp., 24 x 33 cm.

* * *